

# Echos de Guimarães

Director e Editor, Antonio de Carvalho Cyrne

Administrador, Antonio Dantas

Redacção: Praça de S. Thlago  
Administração: Rua de Payo Galvão, 70

SEMANARIO MONARCHEICO

Propriedade da Empresa

DOS

Echos de Guimarães

Officinas de composição e impressão  
Typographia Minerva Vimaranesse  
68, Rua de Payo Galvão, 72  
GUIMARÃES

## O empréstimo camarario

A dar credito ao que por ahí corre, parece que a *inselementissima camara* não desiste de deixar de dotar a cidade com um edificio maravilhoso que atteste a coevos e vindouros o genio reformador dos seus illustres edis.

Vamos ficar com um apparatuso monumento que ha de fazer morrer de inveja o proprio Hotel de Ville de Paris, mas, em compensação, o Hotel de Ville, gloria da cidade-luz, é pertença de tres milhões de contribuintes, ao passo que o nosso, esmagar-nos-ha com tanta grandeza, sendo nós tão poucos a supportá-la.

Nos tempos em que quem decidia d'estas manifestações de progresso, era quem mais tinha de contribuir para ellas, eram os maiores contribuintes; hoje, é o contrario, são aqueles a quem fazem crêr que não pagam contribuições (visto que os allviaram das directas) quem tem de dar o seu parecer.

E' claro que, na sua sublime inconsciencia, crentes que são os outros que pagam, não duvidam em approvar despesas que suppoem não pagar. Levaram-nos-hia muito longe o desenvolvimento d'este thema, se bem que em duas palavras fique bem elucidado qualquer espirito reflectido, que todos os encargos desnecessarios e injustos que pezem sobre os ricos e os simplesmente remediados, se vão reflectir immediatamente naquelles que as leis da republica affectam proteger, e que são os chamados pobres.

O Sr. Marianno, que passa por não ser tolo, se bem que até hoje não tenha demonstrado ser outra coisa além de um *espertalhão*, deve estar, como toda a gente que pensa, de posse d'esta verdade.

No entanto o Sr. Marianno affecta não dar por isso, e, como todos os *espertalhões*, deve ter por força a mania de suppor os outros tolos.

Nessa convicção o Sr. Marianno não hesita em contrahir o seu famoso empréstimo, e, para lhe fazer face, não hesita tambem, segundo se diz, em pôr á prova a capacidade tributativa do contribuinte e ainda a sua paciencia.

O Sr. Marianno sabe, como toda a gente, que o genial estadista que tanto admira e que se alapou no ministerio da fazenda como um rato dentro d'um queijo, se prepara

para nem mais nem menos do que aumentar até ao ultimo extremo as já pezadissimas contribuições, para contrabalançar o famoso *supperavit*, que se não fôr bem equilibrado, pode muito bem esmagar-nos.

O Sr. Marianno sabe tão bem como nós os transe e dificuldades que os proprios remediados passam para viver, com pão caro e mau, carne pela hora da morte, bacalhau um luxo de ricos, arroz, assucar, velas, roupas, calçado, tudo, tudo por preços inabordaveis a quem não fôr rico.

O Sr. Marianno sabe que as rendas de todos os predios em que estão installadas as varias repartições do concelho, todas sommadas, não representam a decima parte dos juros do custo do famoso edificio.

O Sr. Marianno sabe como toda a gente, que em Guimarães a construcção é cara habitualmente, carestia agora aggravada com o custo dos materiais que a terra não dá.

O Sr. Marianno sabe que ha em Guimarães predios sufficientemente vastos para abrigarem, senão todas, pelo menos a maior parte das repartições que andam esparsas por varios edificios e que não rendendo na proporção do que custaram se podem adquirir em vantajosas condições, e comtudo, o Sr. Marianno, que não passa nem quer passar por tolo, não se afflige em passar por *espertalhão*, sem conseguir passar por *esperto* visto que tão deploravelmente deixa o seu jogo a descoberto.

O Sr. Marianno, cercado de pobres creaturas que talvez o tomem a serio, não saberá, ou não se importará de saber, que todo o mundo por ahí diz que o seu afan, o seu empenho, em fazer grandes obras, é precisamente porque as grandes obras obrigam a grandes empréstimos e que, difficil é transportar um cantaro bem cheio sem o entornar e que, como do que *tresborda* ninguem se importa...

O Sr. Marianno não saberá ou não se importará de saber o que por ahí se diz, mas nós, que temos de contribuir para a gloria do Sr. Marianno, que em tão tempos calamitosos se quer erguer tão alto, é que não estamos dispostos a pagar as suas phantasias

sem protesto, e por isso protestamos indignadamente contra o assalto que se quer fazer á bolsa do contribuinte, protestamos contra o esbanjamento que se projecta e sobretudo protestamos contra a immoralidade que elle representa, e só sentimos que a miseria e degradação a que chegou a liberdade de fallar e de escrever, nos impeça de dar toda a força e energia ao nosso protesto e de dizermos abertamente o que pensamos, sobre esta desgraçada questão.

### Ao «Dia»

Faz-nos este nosso prezado collega, mais uma vez, a honra de transcrever parte do nosso editorial do passado numero, o que muito agradecemos, e muito nos ufanamos de as nossas palavras terem merecido uma tão calorosa approvação.

### Despedida e agradecimento

Ao deixar esta bella e nobre cidade onde talvez nunca mais volte a residir, é com pezar e saudade que o faço.

Trinta annos da vida no convívio da gente mais franca e mais leal que no mundo pôde existir, não passam sem deixar bem vincadas as marcas da sua passagem, mormente quando elles decorrem entre o alvorecer da juventude e o triste declinar na velhice.

Aqui vinculei a minha vida a outra vida, aqui nasceram os meus filhos, aqui repousam parentes e amigos que muito prezei, e aqui acabo de receber a maior, posto que immerecida, consagração, que a alguém tenha sido dado receber.

A recordação dos momentos deliciosos que vivi no esplendor do banquete que os meus amigos se dignaram offercer-me, acompanhar-me-ha pelo decorrer da vida.

Não mais se apagará da minha memoria a sumptuosidade do salão engalanado em minha honra, nem o fulgor resplandecente de milhares de luzes reflectindo-se nas pratas e nos crystaes, nem a authentica maravilha que era a meza do festim que mãos de fadas transformaram nos jardins de Semiramis, nem os acordes da musica, nem sobretudo, as palavras, por demais lisongeiras, com que os mais bellos espiritos d'esta terra exaltaram as qualidades, que na sua immensa bondade, se dignaram attribuir-me.

Se eu tivesse alma, nessas horas que tão rapido passaram, para outra coisa que não fosse sentir, se eu tivesse arte que, sem deslustre, me permittisse tomar parte naquelles verdadeiros jogos floaes, em phrase altisonante lhes diria como era grande e profundo o meu reconhecimento, como me achava mesquinho e confuso ante uma manifestação tão calorosa e que eu bem sinto tão sincera, sem embargo de, em minha consciencia debalde me cançar a procurar-lhe a justificação.

Dir-lhes-hia que era bem legitimo o orgulho e bem justificada a vaidade de quem quer que recebesse uma manifestação assim, que redundava numa verdadeira glorificação; glorificação, sim, pois que ninguem poderá desejar maior gloria, do que vêr-se alvo de uma tão calorosa demonstração de carinho e affecto tributada por uma assembleia onde se encontrava o que ha de melhor nesta terra, talvez o que de melhor ella tenha produzido e abrigado dentro dos seus muros.

E quando quem a recebe não é um d'esses heroes lendarios em que a nossa velha terra portugueza é tão fecunda, quando não é um poeta ou um artista, quando em proveito d'ella nada fez, quando não é um politico de prestigio sobraçando a cornocopia das mercês, quando nem ao menos tem o facil e vulgar merecimento da fortuna, que pôde transformar em merito a incompetencia, essa gloria é um pezo que esmaga, porque impõe a obrigação de trabalhar por merecê-la e justificá-la, impõe a obrigação imperiosa de sacrificar a fortuna e arriscar a vida, todas as vezes que seja preciso percorrer esse caminho que a geometria diz ser o mais curto, mas que as vicissitudes da vida a cada passo demonstram ser o mais longo: a linha recta do dever.

E' talvez porque a consciencia me segreda que o tenho seguido, que todos esses Senhores me honraram com essas manifestações do seu affecto, que tão fundo calaram em meu coração, e que eu tão reconhecidamente agradeço.

Esta manifestação só por si me prenderia o cotação a esta terra, ainda quando ella não fosse berço e tumulos dos meus maiores e patria dos meus filhos. Guimarães é para mim sagrada, e, servi-la naquillo em que o meu diminuto merito me possa permitir servi-la, será para o futuro um dos meus mais sagrados deveres.

A todos pois, quer os que tiveram a delicadeza e a captivante bondade de promover esta festa maravilhosa, quer os que se dignaram prestar os seus salões e tão gentilmente ornamentaram aquelle em que o festim se realizou, quer os que com o brilho da sua palavra lhe deram um tão grande realce, quer os que simplesmente o honraram com a sua presença, ou aquelles que desejando-o, não puderam comparecer, eu desejo que tenham na vida momentos de uma tão grande alegria, de uma tão completa felicidade, como os que eu lhes devo, e que guardarei para sempre no mais intimo do meu coração.

Guimarães, 3 de Dezembro de 1916.

Antonio de Carvalho Rebello de Menezes T. de S. Cyrne.

### Ao «Republicano»

A este nosso illustre collega agradecemos as amaveis expressões com que honra o nosso Director a proposito da festa que os seus amigos lhe dedicaram no passado dia 2 do corrente.

## A celebre circular

O odio official do regimen virgente aos allemães está em absoluta contradicção com a *sympathia* que lhes merece o seu processo de guerrear.

Os allemães servem-se dos processos mais baixos, mais vis e mais cruéis para destruir e annular os seus adversarios, desde envenenar o ar que elles respiram, até envenenar as consciencias, desde o dirivel ao submarino, desde o abuso de confiança das nações neutras, até ao abuso da força contra as nações fracas e pequenas.

Os republicanos portuguezes seguem-lhe o exemplo. Como os allemães, não escrupulizam na escolha dos meios de prejudicarem os adversarios, desde a violencia até á hypocrisia, desde a insinuação torpe, até á calumnia impudente.

E' este o caso da celebre circular, que um famoso aventureiro leu em um comicio em Setubal, e que sendo um abaixo assignado era... um escripto anonymo.

Não nos deteremos a fazer-lhe a critica tão bem feita ella está pelos nossos illustres collegas de Lisboa «Diario Nacional», «Dia» e «Liberal».

Se a ella nos referimos é apenas para assegurmarmos aos nossos brilhantes collegas todo o nosso applauso pelo desassombro com que exigem luz neste negro caso, e para lhes garantir a nossa mais franca e absoluta solidariedade, e a mais completa identificação com o seu modo de vêr e de fallar.

Nota. Por se ter extraviado na typographia, não se publicou no passado numero este original.

## Um administrador de encomenda

O administrador de encomenda ameaçou o clero, dizendo que ainda lhe podia fazer peor. Quer dizer, que, além do grande incommodo e despesa que lhe causou, fazendo-o comparecer na sua presença para lhe dar um aviso escusado, ainda o podia fazer soffrer maiores incommodos e trabalhos.

Percebe-se bem aonde o homem enfatuado do seu poderio queria chegar.

Tem-se dito e é crível, attentas as disposições dos democraticos, que os parochos seriam encarcerados antes das eleições e que alguns seriam desterrados das suas freguezias. A ameaça era bem transparente para que não fosse percebida. Ora que o administrador podia chegar a estes excessos, ninguem o duvidava. Os democraticos são useiros e vezeiros nelles. Como não pôdem attrahir pela *sympathia* e pela bondade, pretendem arrastar pela força e pelo terror. São os arautos da liberdade ás avessas. E' certo, porém, que, para usarem dos rigores que premeditavam, haviam de saltar por cima da lei; o que, está sabido, não lhes espinharia a consciencia; tão endurecida está ella já. O que é de lastimar, é que a seis annos de regime republicano os direitos mais sagrados dos cidadãos ainda andem aos balões de qualquer administrador ou regedor.

Parecia-nos que já era tempo de ter sido encerrado o malfadado período revolucionario e de acabar o imperio do arbitrio; mas, pelo que vemos, ainda temos para alguns annos o agente da falta de garantias. Pois podemos informar o administrador de encomenda e os seus successores, que por mais truculentas que sejam as ameaças e por mais temerosas que sejam as violencias, o clero não está resolvido a alterar nem num só apice o seu procedimento eleitoral.

Teimam em negar-lhe a qualidade de cidadão e elle teima e teimará sempre em reivindicar essa qualidade. E os proprios democraticos que tanto o tem amofinado e perseguido, hão de convir consigo mesmos em que esta é a unica attitudé digna do clero.

Tem sido espezinhado como um reptil desprezível; esbulharam-no dos seus bens e dos seus legitimos direitos. Mostraria elle um servilismo nojento, se se acomodasse a esta deprimente situação.

Não se rebella contra a auctoridade, não promove sedições; mas não está resolvido a curvar-se deante dos seus ferinos extorcionarios. Ha de apparecer em publico e affirmar em toda a parte que é cidadão portuguez, e pleitear por todos os meios que as leis lhe facultem os direitos, regalias e garantias correspondentes. Não pede nem precisa de privilegios, mas não se conforma com leis de excepção. O espectro do encarceramento e da exulação já o não assusta: quem é pobre, em toda a parte se dá bem.

Como alguns parochos quizessem justificar-se das infundadas e mesquinhas accusações que o administrador lhes fazia, este, na sua risivel emfasia, decretou que não admittia discussões.

Ora vejam que bello democrata não nos saiu o homem! Não admitté discussões. Pois era aqui que elle devia mostrar a sua habilidade, a sua educação, o seu tino politico. Por meio d'uma discussão serena, bem conduzida, raciocinada, devia convencer o clero de que estava no bom campo e que tinha razão para proceder como procedeu. Isto é que era verdadeira democracia: ouvir o povo e dar-lhe razão, se a tinha, ou convencel-o de que não podia ser attendido por não serem justas as suas pretensões. Não admittir discussões trescala bruteza ou despotismo, o que não ajusta bem num democratico, que deve ser a fina flor da sociedade. Prender, processar, desterrar, podem-no fazer os democraticos, como muitas vezes o tem feito. Mas fiquem certos que d'ahi não lhes virá o minimo proveito.

Em Villa Verde foram encarcerados alguns parochos, e como nada se provasse contra elles, foram por fim postos em liberdade. Quem perdeu mais?

Os parochos é verdade que tiveram despesas e soffreram grandes incommodos; mas a sua dignidade não desceu, pelo contrario subiu. Foram victimas innocentes de odios sectarios. Quem lhes fez, porém, soffrer tão grandes incommodos, é que perdeu o direito á consideração publica; e se ainda tiver uns restos de consciencia, esse flagicio ha de lhe torturar a alma toda a vida. Não é com estes argumentos que a republica e os seus defensores se hão de prestigiar.

Os democraticos sentem fugir-lhes terreno debaixo dos pés; não admira. Os processos politicos de que usam, são proprios para afugentar e não para atrahir. As violencias hão de chegar a ponto em que a reacção será inevitavel e irresistivel.

Não se zomba impunemente, durante annos, das tradições, dos costumes e da religião d'um povo inteiro. As situações forçadas não se podem sustentar indefinidamente. Um dia hão de cahir e então ai d'aquelles que as criaram!

De modo que o administrador de encomenda foi um desastrado com a sua ideia, se é que ella era sua. Revelou que não tem a prudencia necessaria para desempenhar o cargo de que tomou posse, e que no fundo da sua alma germina uma creulidade que não vae bem a um homem de educação. Se o fez inconscientemente, vê-se que carece de lume intellectual; se sabia no que se ia metter, mostra ser um deshonrador da auctoridade.

Um observador.

## MONUMENTO NACIONAL

A's nossas modestas considerações sobre o estado lamentavel em que se encontra o Monumento Nacional da Oliveira surge-nos no «Republicano» — aliás em termos muito cortezes—A. B. C. que, empunhando numa das mãos um código e na outra uma ominosa palmatoria, nos vem mostrar e castigar a ignorancia da lei de Separação, que deixou remédio para todas as feridas até as abertas nas paredes dos monumentos nacionaes.

E' claro que nós nada percebemos de principios juridicos e nunca nos demos aos profundos estudos do direito e nada admira a nossa ignorancia no que não nos diz immediato respeito e é essa a razão pela qual não entendemos bem aquelle paragrafo que A. B. C. primeiro nos cita e por força de logica tambem não percebemos muito claramente aquellas letras gordas em que nos affirma muito categoricamente:

*Fica-se deste modo sabendo, sem fofismas nem habilidades, que a entidade a quem compete reparar os telhados do vetusto templo da Oliveira é a corporação ou corporações encarregadas do culto que ali se exerce.*

E isto por que razão? Porque o artigo 89 da lei da separação diz: «As cathedraes, egtejas e capellas que tem servido ao exercicio publico do culto catholico... serão cedidos a titulo precario... á corporação que... for encarregada do respectivo culto.»

Ora não nos consta que na Oliveira haja corporação encarregada do culto a quem o templo tenha sido cedido para esse fim. E' verdade que em tempo ouvimos dizer que a commissão dos bens ecclesiasticos officiará á irmandade do SS. nesse sentido, mas, parece-nos, que nunca chegou a ser feita tal entrega. Estaremos em erro? E' possivel, mas não é tambem aquelle artigo que A. B. C. achta tão claro e evidente que nos vem tirar as duvidas.

Além d'isso sempre ouvimos dizer—e por certo é outra ignorancia das leis,—sempre ouvimos que os monumentos nacionaes eram tratados de modo differente dos simples templos (decreto 19 Novembro de 1910), e que as obras nelles feitas costumavam ser subsidiadas directa ou indirectamente pelo Estado de modo a não deixar em mãos de corporações desprovidas de meios, a sua conservação.

E se o pensamento do legislador da lei de separação não foi este, devemos concluir que esta foi feita para vêr cair os monumentos desfeitos pelo tempo—e lá temos o tal horror demagogico ao que é tradicional,—que não soou bem aos ouvidos de A. B. C., ou então forçava-se a pôr termo ao culto nos ditos, o que favorecia perfeitamente a estafada aria demagogica.

Mas não é assim que as entidades superiores procedem, pois que, ainda este anno mesmo, foi concedido um subsidio de reis 1:200:000 para reparações, que a corporação encarregada do culto não pode fazer na Igreja do extincto convento de Pombeiro.

E se ha dinheiro para subsidiar o monumento de Pombeiro, se ha leis que auctorizem a gastar 1200 escudos no extincto convento beneditino, não ha-de haver dinheiro nem leis para gastar algumas dezenas de escudos no monumento de Guimarães?

O articulista acha-nos jacobinamente monarchicos para nos dar a honra de uma mais larga discussão. Era melhor dizer jacobinamente conservadores e tanto mais conservadores quanto mais lemos a lei de separação em que a Republica nos não deixa nem uma janella onde possamos respirar, e nos obriga morrer afogados em tanta providencia que deixa desaparecer o que é genuinamente nacional.

De resto escusa A. B. C. de se abespinhar com o que dissemos no nosso desalinhavado artigo e ainda mais desalinhavado depois que elle passou pela machina de impressão, porque não quizemos aggravar ninguém mas somente acordar, do melhor modo que pareceu, a quem compete e seja elle quem for,—vigiar o que é nosso.

Os que olharam e viram,—e com razão,—que ficava mal aquelle capacete de tabique na torre, que viram e acharam feia aquella mancha de cal no padrão do largo, os que viram e acharam feia a grade que affrontava a entrada principal, podiam tambem olhar e vêr a agua caindo dentro do dito monumento, que não é menos monumento, nem menos historico, nem menos nacional, nem o seu estado menos vergonhoso que a tal mancha, a tal cupula e a dita grade.

E deixemo-nos de discussões que só servem para irritar e procuremos todos remediar aquillo que mais tarde não terá remedio.

Ajude A. B. C. a tentar qualquer coisa que o possa salvar da ruina total e assim prestará um serviço á nossa terra que não tem tanta riqueza que mostrar aos visitantes, que possa desprezar o que nos legou a fé christã e cuja ruída fará a vergonha d'uma terra civilisada.

\*\*\*

### O edificio da Camara de Guimarães

Recebemos a seguinte carta, a que damos a publicação pedida:

Senhor Director—É velho costume surgirem reclamações, após o julgamento de qualquer concurso, porque, como há contentes, há sempre descontentes. Não foge a regra o concurso para o edificio da Camara de Guimarães, mas, desta vez, trata-se de um caso absolutamente novo na historia dos concursos. O júri considerou todos os trabalhos fora do concurso, por excesso de verba, no que talvez tivesse razão, mas não obstante fez a classificação, no que procedeu ilegalmente, pois, excluido um trabalho do concurso, esse trabalho, consequentemente, não pode ser classificado, sob qualquer pretexto ou condição. Tenho pelo júri do concurso do edificio da Camara de Guimarães, a maior consideração, especialmente pelos delegados de Lisboa, um dos quais, meu colega no Conselho Director da Sociedade dos Architectos, e, por esse facto, sempre acataria o critério artistico de uma classificação feita legalmente, ainda que essa classificação me fosse desfavoravel, tanto mais que julgar obras de arte é função muito abstracta, e pessoas da melhor boa fé podem enganar-se. Não é este, porém, o caso de agora.

O júri exorbitou das suas funções. Julgou os trabalhos fora do concurso e classificou.

Acatar esse procedimento seria um desrespeito á lei, e ficaria em vigor um precedente perigosissimo para os concursos futuros.

Eu e o meu colega José Coelho, auctores de um dos projectos apresentados vamos reclamar, devendo o caso ser apreciado em assemblea geral da Sociedade dos Architectos.

Pela publicação destas linhas no seu belo jornal se confessa grato o de

V. etc.,

Miguel Nogueira architecto.

O Sr. Miguel Nogueira, architecto, enviou-nos esta carta, que fez publicar já no «Diario de

Noticias», de Lisboa. Nela diz, que com o seu colega José Coelho é auctor de um dos projectos apresentados ao concurso aberto nesta cidade para o edificio da Camara e que o jury exorbitou das suas funções, por considerar todos os projectos como excedendo a verba e ter feito a classificação.

Achamos extranha a carta, que vem revelar duas coisas: a 1.ª que o sr. Miguel Nogueira e o seu collaborador, são auctores de um projecto infeliz; 2.ª que não conhecendo, como tambem nós não conhecemos as deliberações detalhadas do jury, veem tirar effeitos de bola de sabão, devido talvez a informações imprecisas que lhe foram dadas, num intuito provavel de lhe attenuar o insuccesso.

Mas nós, não precisamos de conhecer o relatorio do jury e basta-nos considerar, que, tendo o jury feito a classificação dos trabalhos, para a qual trabalhou, como é notorio, com solicitude, julgou-se, *ipso facto*, dentro do programma do concurso. Qualquer consideração que possa haver feito sobre os orçamentos em nada invalida a parte deliberativa, antes a confirma, collocando todos os projectos no mesmo pé de egualdade. Mas, outro facto ha digno de ponderação que os protestantes esqueceram, ou que fúngim esquecer.—E' a alteração constante do preço dos materiaes de construcção no momento actual, o que torna insubsistentes quaisquer orçamentos d'obras a fazer num prazo relativamente longo.

Nós, sem sermos architectos, ia-mos apostar em como foi esta consideração, que o jury teve em vista, quando teve de referir-se aos orçamentos.

O sr. Nogueira lá diz na sua carta: Quando ha concursos ha contentes e descontentes e como é d'estes ultimos protesta, mas, d'esta vez infundadamente. Que faria, se o jury, especialmente pelos delegados de Lisboa, lhe não merecessem a maior consideração!...

## PIOS

### Sportsman for ever

Tivemos o gosto de ver um postal em que figura o Affonso montado num grande cavallo, ao lado do ministro da guerra agradecendo sorridente a saudação das tropas, em preparativos de campanha.

Não sabemos se os cumprimentos eram para elle, ou para o seu alter ego da guerra. Os gladiadores romanos tambem saudavam a Cesar quando iam entrar em combate: *Avé Cesar! Morituri te salutant*. Mas não é esse o motivo do nosso reparo: o nosso espanto é ver S. Ex.ª Omnipotentissima montado em um cavallo, quando, dada a sua qualidade de ministro das finanças, o natural seria que apparecesse a cavallo... na burra do thesouro.

### Les portugais sont toujours gais

#### Do nosso collega o Dia

O sr. Freire de Andrade volta a fazer affirmações identicas ás por elle feitas anteriormente, affirmando que este paiz é o mais feliz do mundo, na presente conjunctura.

Já lá diz o ditado allemão: Man ist glücklich wen zufrieden ist, o que em lingua de gente quer dizer que se é feliz quando se está contente. Ora como o paiz não pôde estar mais contente do que está com os seus politicos opportunistas e furta-côres, d'ahi a verdade da affirmativa de S. Ex.ª.

### Novo sub-secretario de Estado

Lisboa, 27

Escreve a «Opinião»: «Volta a dizer-se que as necessidades do momento impõe a nomeação do novo sub-secretario de Estado das subsistencias. Para esse cargo indigitá-se o sr. Freire de Andrade, ultimamente collocado á frente da commissão de subsistencias.

Ora graças a Deus que ainda somos portuguezes. Ha tanto tempo que se não creava nenhum ministerio novo, que até já pensavamos que tinhamos mudado de dono.

### Sentença e desaggravo

Do Jornal de Noticias

Os insultos a subditos allemães

Nota officiosa

Lisboa, 27

A proposito d'um julgamento effectuado ha dias no 2.º juizo de investigação criminal, tem corrido versões inexactas e sido attribuida errada interpretação á sentença que condemnou Eduardo Silva Ribeiro. Este individuo foi julgado e condemnado por ter injuriado e desobedecido a um agente da policia que o mandava retirar da rua de Santa Justa, onde estava provocando ajuntamento e ameaçando de morte os subditos allemães.

Note-se que nem por estas ameaças foi condemnado, mas sim, como já fica dito pelo crime commum de ter injuriado um agente da auctoridade.

Segue-se a sentença proferida: «Pela discussão provou-se que o reu Eduardo Silva Ribeiro, em 15 d'este mez, tendo sido mandado retirar de junto do hotel onde estava falando desfavoravelmente e alusivamente á guerra actual por neste mesmo hotel estarem hospedados alguns subditos allemães, sob a vigilancia policial, ao guarda que tal lhe ordenara, certamente no intuito de evitar ajuntamento e qualquer conflicto, dirigiu palavras offensivas da consideração devida á auctoridade, pelo que o reu está incurso no artigo 182 do Codigo Penal; militando a favor do reu o seu bom comportamento anterior e ter cometido o delicto devido a uma grande exaltação do seu espirito, causada pela errada ideia de que o dito guarda era a favor dos allemães, ou melhor, da Alemanha, contra Portugal, ao que não foi extranho e sim muito contribuiu o elevado e nobre sentimento de patriotismo, muito embora mal orientado, graças á nenhuma cultura intellectual do reu por isso condemnado este na pena de 3 dias de prisão que lhe substituo já pela pena de 3 dias de multa a 10 centavos por dia e mais uma multa fixa de 10 escudos já paga por abono e mando-o em liberdade de ao registu criminal.—Lisboa, 22 de novembro de 1916.—Antonio Joaquim Guerra.»

### A proposito d'um julgamento

Lisboa, 27

A junta da freguezia dos Martyres approvou uma moção na qual se refere á prisão de Eduardo da Silva Ribeiro, pelo facto de publicamente fazer referencias aggressivas a subditos allemães, com quem estamos em guerra declarada.

Numa moção diz-se que a policia e o seu commandante não tiveram noção do acto que cometeram, enviando o referido individuo para o tribunal.

Esse acto é um attentado manifesto contra a patria, o que leva a junta a classificar a policia e o seu commandante de bairarte de traidores.

Considera tambem a mesma junta que o juiz que condemnou merece uma grave reprimenda e aconselha a sua transferencia.

A moção termina pelas seguintes conclusões:

1.º Que esta junta lavre o seu mais vehemente e publico protesto;

2.º Que d'esta moção sejam enviadas copias ao ministro das finanças, como representante do partido democratico, ao ministro da justiça, como representante da magistratura, e Eduardo da Silva Ribeiro, como premio do aggravado de que foi victima.

### Um Ribeiro da Cunha que merecia que lhe entalasses um apelido e o deitasses depois ao outro

Na União da Agricultura Commercio e Industria

«O sr. Ribeiro da Cunha diz que a agricultura nunca esteve tão prospera como depois da guerra, pois que em certos productos tem ganho um dinheirão. E' ella mais feliz que as outras industrias, pois não tem que importar as materias primas, que hoje estão por um preço elevadissimo.

O governo deveria obrigar o lavrador a cultivar, a fim de evitar, quanto possível, a importação do trigo, a qual determina o agravamento do cambio, como se observa neste momento.

Não ha duvida nenhuma de que a agricultura portugueza está inevitavelmente prospera.

Ora o Lopes!  
Que ideia fará este maduro da lavoura?

## Falas de Neptuno

Intrigava-se, adriava-se e enganava-se perfidamente. Os processos de que se servem hoje alguns monarchicos que sonham em recuperar o mando e o prestigio não são diferentes. Mas não podendo já enganar ninguem, nem dentro, nem fóra do paiz, entretem-se a enganarem-se e atraçoarem-se uns aos outros.

E o orador passa a lêr, no meio de brados de indignação da assembleia, uma famosa circular agora enviada por esse paiz fóra a conhecidos conspiradores amnistiados e outros não menos conhecidos germanophilos, recommendando-se a propaganda contra a guerra, a guerra a todos os governos da Republica, a exploração do medo e a revolta contra as determinações de D. Manuel a bem da santa causa, que é o bem da Patria e dos augustos soberanos.

Conhecem-n'o?

E' o Alcibiades da divisão naval, ora cretinote, ora pulhote e ás vezes, como agora, acumulando, mas sempre elle, unico e inconfundível.

## Viva o lúxo

Art. 1.º E' creada a Cruz de Guerra destinada a galardoar os actos e feitos praticados em campanha por militares ou civis.

Art. 2.º A Cruz de Guerra terá quatro classes: 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª, correspondendo o maior merecimento á 1.ª e o menor á ultima.

Vae de baixo para cima, á moda de repuxo.

## Confiança por partidas dobradas

O snr. ministro da marinha, rodeado por todos os senadores, fez seguidamente a descrição do ataque ao Funchal, reeditando pouco mais ou menos os pormenores fornecidos á imprensa pelo governo.

O snr. Alberto de Oliveira, lamentando o facto, diz esperar que o governo, com as providencias já tomadas e com aquellas que vier a tomar, evitará quanto possível a repetição de taes desacatos, reduzindo-os ao minimo.

O snr. Estevão de Vasconcellos, pela maioria, confia plenamente nas medidas adoptadas pelo governo, esperando que este estenda a sua mão repressiva até á miseravel e abjecta campanha que surdamente se está fazendo por todo o paiz, como a dos celebres papelinhos infamantes, cujos auctores, decerto, não lhe será difficil descobrir e castigar com severidade.

O snr. Celestino de Almeida em nome dos evolucionistas, affirmou igualmente que confia em absoluto nas medidas postas em execução pelo governo, esperando que ellas sejam efficazes e de modo a que se não repitam as audaciosas e criminosas surpresas dos allemães.

Nós, pela nossa parte, tambem confiamos plenamente no snr. Estevão e mais no snr. Celestino.

## NOTICIARIO

### O Banquete em homenagem ao snr. Antonio de Carvalho Cyrne

Da carta de Guimarães para o Primeiro de Janeiro de 5 do corrente.

Resultou brilhantissima a manifestação de apreço, de sympathia, de dedicação e amizade, realzada sabbado no lindo solar de Villa Pouca, em homenagem ao illustre vimaranense e ao jornalista distinctissimo snr. Antonio de Carvalho Cyrne, que parte para a Foz do Douro, onde fixa residência.

Consistiu essa demonstração de estima num lauto banquete que os seus muitos e dedicados amigos lhe offereceram.

Esta festa, que teve a frisá-la

um alto significado, revestiu-se da devida grandiosidade, já por a ella haver assistido tudo quanto ha de mais em evidencia no nosso meio, já mesmo pela attraente disposição da mesa, pelo menu que foi o que ha de melhor na arte culinaria, pelas variadas e riquissimas baixellas da nobre casa de Villa Pouca, pelos bons e antigos damascos, pelas mimosas plantas e flores, imprimindo tudo isto um brilho extraordinario ao salão nobre que estava radiante de luz, pois tinha a illuminá-lo 500 velas de estearina, dispostas em tres soberbos lustres, em vistosas serpentinas e castiças de prata, afóra os três focos electricos que se viam ao centro do magestoso salão. Estava um verdadeiro primor.

O banquete principiou ás 19 horas e meia, no meio de freneticos applausos ao snr. Antonio de Carvalho, sendo nesta occasião executado o hymno da cidade por um magnifico tercetto.

Presidiu o respeitavel medico vimaranense snr. dr. Joaquim José de Meira, tendo á sua direita o homenageado.

Vis-á-vis á presidencia, via-se o illustre dono do palacete de Villa Pouca, snr. dr. Pedro de Barros, ladeado pelos filhos do snr. Antonio de Carvalho e indistinctamente os snrs. dr. José Ferrão, tenente Abreu Lima, padre Gaspar Roriz, Augusto Pinto Areias, dr. João Rocha dos Santos, Thomaz Rocha dos Santos, dr. Augusto José D. de Araujo, dr. Antonio do Amaral, major Duarte do Amaral, Alvaro Costa Guimarães, dr. João M. de Freitas, dr. Alfredo Peixoto, dr. Oliveira Lobo, dr. Pedro Guimarães, dr. Mattos Chaves, José Borges Teixeira de Barros, dr. José d'Oliveira Basto, João Fernandes de Mello, Antonio de Freitas Ribeiro, capitão Vieira de Faria, dr. Henrique Margaride, Domingos Aldão, Francisco Aldão, Luiz Margaride, dr. Adelino Jorge, conego Alberto da Silva Vasconcellos, Francisco Assis Costa Guimarães, Antonio Augusto da Silva Carneiro, Gaspar Ribeiro da Silva Castro, major Alcino Machado, dr. Fernando Gilberto Pereira, Diniz Santiago, Simão Costa Guimarães, Cerqueira Machado, alferes Jayme de Vasconcellos, tenente-coronel Sá e Mello, alferes Moraes, João Alves Pimenta, Antonio Machado, representando o «Comercio de Guimarães» e João de Deus Pereira, pelo «Primeiro de Janeiro».

O nosso estimado collega do «Diário de Noticias», snr. Francisco Faria, não pôde comparecer, por não lh'o permitirem os seus incommodos de saúde, mandando uma carta em que se associava a tão sympathica festa.

O menu, que esteve primorossissimo, foi fornecido pela muito acreditada Confeitaria Oliveira, d'essa cidade, satisfazendo por completo. Eil-o:

Potage à la Royale. Hors d'œuvre—Rissoles de foie-grás. Entrées—Sole sauce aux huitres. Filets de bœuf aux champignons. Froids—Mayonnaise de homard. Galantine de canard truffée. Legumes—Asperges sauce creme. Roti—Dindonneaux piquet au cresson. Entremets—Puding aux fraises. Glacé à la vanille et au ananas. Dessert—Charlotte aux fils d'or. Pâtisserie varie. Bonbons, fromages et fruits divers. Vins—Rouge, blanc, Porto vieux et Champagne. Café et liqueurs.

Au dessert iniciou os brindes o illustre medico snr. dr. Joaquim José de Meira, seguindo-se-lhe os seguintes cavalheiros: dr. Pedro de Barros, tenente Abreu Lima, que leu uma carta do illustre deputado evolucionista por este circulo snr. Conego José Maria Gomes, a qual, por ser interessantissima, a reproduzimos na integra:

«Ex.ºs snrs. Alvaro da Costa

Guimarães, João Gomes de Abreu Lima e dr. João Rocha dos Santos—Associo-me d'alma e coração á festa de hoje, que se sintetisa no pensamento de prestar homenagem a um dos melhores da nossa terra. De corpo, contado, e de participação dentaria nos (estou a ver!) deliciosos acipepes, não é possível associar-me. Particularissimos motivos, sendo primacial o estado geral de saúde e o actual de espirito, inibem-me de comparecer, não obstante gostosamente haver inscripto o meu nome, que preso fica para todos os effeitos. A qualqueir de v. ex.ª eu peço a fineza de lêr ahí esta carta, em que affirmo do homenageado Antonio de Carvalho Cyrne o que todos sabem,—que pelo ascendente dos seus passados, pelos primores da sua educação, pela vivacidade do seu espirito, pela cultura da sua intelligencia, pela limpidez do seu caracter, pela correção do seu porte, pela lhanza do seu trato e pela dedicação da sua amizade, elle se tem imposto á nossa muita estima e bem merece esta consagração festiva. Se sñi pudesse estar diria tonitroantes estas palavras por serem a expressão da sinceridade e da justiça e tenho a certeza de que os illustres convivas cobril-as-iam de applausos.

Nós temos de processar Mattosinhos por um crime de roubo. E' como se viesse extorquir-nos um tesouro precioso. Precioso e variado. Senão vejam: Não é somente o Antonio de Carvalho que Mattosinhos nos rouba a Guimarães.

E' a sua virtuosissima esposa, muito illustre dama da nossa elite, que elle teve o talento e ventura de fazer companhia dos seus destinos. E' o seu primogenito, um sympathico bacharel de largo futuro; é o seu José Salvador, um chistoso *diseur*, alegria dos salões. Ambos o orgulho dos paes e o encanto de todos nós.

Lá nos vão todos, deixando neste meio uma lacuna impreenchível.

Invejamos a bella Mattosinhos, nossa usurpadora, e pensamos que se os novos habitantes que vão illustrar a desembarcarem nas aguas que a banham, estas poderão, ao depô-los na praia, dizer parodiando o poeta: «Não é facil encontrar perolas d'este tamanho».

Por mim faço votos que estes exodos ou saídas não se generalisem. As familias modelafes, as familias-typos lutariam as localidades em tel as sempre presentes como padrão e guia. São como a columna de fogo que guiava no Deserto a marcha dos Hebreus.

Se pega a moda de sairem de cá os que mais estimaremos cá, eu terei de pedir á Camara, assim que ella fór evolucionista, que os não deixe sair por utilidade publica.

Beringel, 2-12-1916. — De vv. ex.ªs, muito att.º, ven.ºr e creado, conego José Maria Gomes.»

Após a leitura d'esta carta, que foi sublinhada com intensas gargalhadas e coroa de applausos, saudaram o snr. Antonio de Carvalho mais os seguintes convivas: padre Gaspar Roriz, Antonio Machado, em nome do «Comercio de Guimarães», dr. Domingues d'Araujo, João de Deus Pereira, em nome d'«O Primeiro de Janeiro», dr. Antonio Amaral, pela direcção da Associação dos Proprietarios e Lavradores, de que o homenageado foi presidente, Simão Costa Guimarães, em nome do commercio e industria de Guimarães, tenente-coronel Sá e Mello, major Alcino Machado, dr. João Rocha dos Santos, conego Vasconcellos e dr. Pedro Guimarães.

Encerrou a serie de brindes, que foram applaudidos com frenesi, o snr. Antonio de Carvalho Cyrne, que, num discurso primorossissimo, agradeceu a todos a prova da muita consideração e amizade que acabavam de lhe tributar, pedindo licença para distinguir os illustres donos da casa de Villa Pouca e a commissão pro-

motora do banquete, composta dos snrs. Alvaro Costa Guimarães, dr. João Rocha dos Santos e tenente Abreu Lima.

Terminou levantando um viva á Patria, que foi entusiasticamente correspondido pela distincta assistencia.

Seguiram-se-lhe outros vivas a Portugal e ao exercito.

Eram 23 horas quando terminou esta impotente festa, que sempre decorreu com a maior satisfação e entusiasmo.

Foram muito apreciados todos os trechos musicaes que, com impecavel correção, executou o tercetto.

A' commissão organisadora d'esta importante manifestação de agrado ao snr. Antonio de Carvalho agradecemos o convite que nos dirigiu para representarmos nesta festa este importante diario portuense.—J. P.

## Os nossos hospedes

Como noticiamos, no numero transacto, visitou nos na sexta-feira ultima o Orpheon Famalicense, que foi recebido na gare da estação por uma banda de musica, tuna da Juventude Catholica, Associações de Classe, Academia e muito povo, organisando-se a seguir um vistoso cortejo, reinando sempre grande enthusiasmo.

No salão-nobre da Sociedade Martins Sarmiento, foram-lhe dadas as boas-vindas pelo nosso muito querido e illustre amigo Conego Alberto da Silva Vasconcellos, que num elegantissimo discurso, saudou os nossos visitantes, agradecendo-lhes a honra da visita.

Respondeu-lhe o snr. director do Orpheon, que em brilhante discurso agradeceu a recepção que lhe prestaram, dizendo que nunca puderiam esquecer esta terra tal a maneira brilhante e carinhosa como recebeu o Orpheon. Grandes salvas de palmas e entusiasticas vivas encerraram a improvisada sessão solemne em honra dos nossos hospedes, que á noite com uma casa á cunha, deram um brilhante espectáculo, que sobremaneira agradou, tornando-se o Orpheon e o grupo scenico, alvos de manifestações calorosas e entusiasticas, manifestações que não representaram o menor favor, tal a correção com que se houeram. A apresentação foi feita pelo distincto orador Padre Gaspar Roriz, que, como sempre, confirmou mais uma vez as suas aptidões oratorias e a sua muita intelligencia. A selecta e numerosissima assistencia, dispensou áquelle nosso muito estimado amigo, grandes salvas de palmas.

Sem duvida as recordações que nos ficaram da brilhante festa, são das mais saudosas e d'aquí enviamos os nossos melhores parabens aos sympathicos orpheonistas, que mostraram todos uma grande vocação para o canto, vocação recordada pelo publico de Guimarães, que lhe prestou grandiosa e entusiastica ovação, sendo visados diversos numeros.

## Aos fumadores

A auctoridade administrativa mandou afixar um edital tornando publico que fica prohibido fumar nas salas dos theatros, no decorrer de qualquer espectáculo, incluindo os espectaculos cinematographicos.

Esta determinação fica a vigorar da data da publicação do referido edital.

## Missa de suffragio

O snr. Manoel da Cunha Machado, conceituado negociante d'esta praça, manda celebrar na proxima quinta-feira, na igreja

da Misericórdia, pelas 9 horas, uma missa suffragando a alma de sua sogra a senhora D. Umbelina Candida da Cunha.

## De luto

Pelo fallecimento de seu venerando pae, encontra-se de luto, o nosso antigo e querido professor e illustre commandante do 3.º Batalhão d'Infantaria 20, snr. Major Alcino Machado.

Sentindo sinceramente o golpe que tão duramente o feriu, acompanhamo-lo sentidamente na sua magua e enviamos-lhe os nossos pesames, orando a Deus pela alma de seu chorado Pae.

## D. Virginia Lobato

Falleceu em Braga a senhora D. Virginia Lobato, irmã do nosso amigo, snr. conselheiro João Carlos Pereira Lobato de Azevedo, e tia dos snrs. capitães José Augusto Lobato Guerra e João Jorge Lobato Guerra, aquelle lente da Escola de Guerra e este veterinario de cavallaria 11.

O funeral realiso-se hontem no cemiterio publico, estando a cargo da «Funeraria» da Viuva Pinto & Genro, sendo muito concurrido.

A' familia enlutada as nossas sentidas condolencias.

## «União sagrada...» ... em Carcavellos

«Nota-se uma recrudescencia de sectarismo que toca as raizas da demencia.

O grito de «Abaixo a religião!» ecoa fremente d'odio.

Este grito é um *mot d'ordre* das lojas e os serventuarios das lojas executam-no por todas as formas.

Ainda ha poucos dias os attentados criminosos de Peniche e da Lourinhã—*attentados anarchistas—tentativas de assassinato*; hoje, *profanação de templos*.

As auctoridades dormem e a inacção tudo sanciona e tudo anima.

Depois dizem-nos que nós, catholicos, feridos todos os dias no mais intimo das nossas crenças, não queremos nada do regime!...

Mas é falso, falsissimo. Queremos muito, porque muitas teem sido as injustiças commetidas contra nós.

E' em nome da justiça que clamamos providencias, que chamamos a attenção de quem competir para que se ponha cobro a tantos desmandos.

O povo de Carcavellos é um povo crente. Elementos tumultuarios, operando sem freio, fecharam a Igreja, em nome da liberdade de consciencia!

Agora, que o povo de Carcavellos se empenhava em que o seu templo fosse reaberto ao culto, a resposta foi a que vae lêr-se e nos communicam de Carcavellos:

«No dia 13 de novembro arrancaram-se os matcos que vedavam o adro da igreja parochial de Carcavellos e entraram duas galeras. Assistiram o administrador de Cascaes e seu secretario, o presidente da junta de parochia de Carcavellos e tres policias. Ninguem podia approximar-se. Carregaram as galeras com tudo o que havia na igreja: roupas, paramentos, imagens, throno e sinos. Não se sabe bem para onde tudo foi conduzido, mas suppõe-se que foi para Lisboa. No dia seguinte—14—arrancaram as cruzes que encimavam a igreja.

Corre que se pretende arrendar a igreja para nella se instalar uma carvoaria.

Tudo isto se fez com o fim de obstar a que se restituísse ao culto a igreja, do que se andava tratando.

Escusado será dizer que a maioria da população recebeu com desgosto e reprobção semelhante in fãmia, embora por apathia e cobardia se não manifestasse.

E escusado será também dizer que tal vilieza é devida a meia dúzia de depravados, com o assentimento dos altos poderes.

Se assim não fosse, como é que um administrador podia sancionar com a sua presença uma tão desaforada affronta?

Sim, como é que meia dúzia de dementados poderiam chegar a tanta audacia, se não tivessem a escorã-lo a acquiescência do governo do snr. Antonio José d'Almeida, a quem alguns consideravam ainda uma pombinha sem fel, um cotação de ouro?

Se ainda pudésse haver duvidas de que todos eram da mesma massa, decerto se desvaneceram por completo com o que se está passando.

E atrevem-se ainda a fallar em união sagrada, como se a união e harmonia se conseguissem com hostilidades e affrontas!

Que povo digno de tal governo e que governo digno de tal povo!

Somos informados á ultima hora de que já foram arrancadas as jages do adro e de que vão ser enviados pedreiros para dentro da Igreja.

Isto pode lá ser? E' então assim que se respeita a liberdade de consciencia? E' isto á união sagrada?

Se os catholicos de Carcavellos desejam a sua Igreja seja aberta ao culto, ha de negar-se-lhes esse direito? Mais: hão de offender-se profanando-se-lhes o templo, destinando-o, segundo corre, a uma carvoaria!

Tambem corre com insistencia que igual attentando se projecta contra a Igreja de S. Domingos de Rana.

Que diz a isto a imprensa governamental, que nos anda a contar o conto do vigario da *O'nião*?

E que dirá a isto o povo portuguez tornado juguete de mesquinhas paixões?

Pedimos providencias — pró-fórma — e lavramos o nosso mais indigno protesto.

**Desordem—Morte—**

No domingo passado, alguns individuos do lugar da Eira Velha, freguezia de Santa Eufemia de Prazins, d'este concelho, e alguns d'outras localidades proximas, envolveram-se em desordem, resultando d'ahi ser barbaramente espancado Manoel Ferreira de Sousa Magalhães, casado, carpinteiro, da referida freguezia, o qual, conduzido a sua casa em estado bem melindroso, falleceu pelas 24 horas. O assassino, que já se encontra detido, chama se Joaquim Rodrigues, o «Palhas», da freguezia de S. João de Ponte.

**Associação dos Proprietarios e Lavradores**

A direcção da Associação dos Proprietarios e Lavradores, de Guimarães, convida todos os seus dignos associados a participarem até ao dia 16, a quantidade de sulfato, inglez ou nacional, que desejam, pois precisa saber o quantitativo da encomenda, para fazerem o preço.

Avisa também, os obrigacionistas da Associação, que estão em cobrança os juros dos annos de 1915 e 1916, bem como a quantia de 990 reis, rateio que toca a cada obrigação, para effeito de amortização.

Tanto os juros como o rateio, se recebem na casa do snr. Alfredo Bellino, thesoureiro da Associação, sendo para isso preciso levar o titulo, para dar a respectiva descarga.

**Modas e Bordados Supplemento do «Seculo»**

Recebemos, e gostosamente vamos a permutar, a visita d'este nosso collega, que é uma publicação que muito se recommenda pela sua variedade em figurinos e riscos para bordados, sempre moldados nas ultimas creações da moda. O supplemento do «Seculo» Modas e Bordados, é utilissimo a todas as Senhoras.

**Conselheiro José d'Alpoim**

E' gravissimo o estado de saúde do nosso illustre e presadissimo amigo snr. Conselheiro José Maria d'Alpoim.

Sinceramente lamentamos a sua doença e fazemos ardentes votos pelas suas melhoras, que grande satisfação darão a todos os que, como nós, muito nos honramos com as suas relações.

**Juventude Catholica**

Como haviamos annuciado realisoou-se no ultimo domingo, no salão da Juventude Catholica de Guimarães, uma sessão solenne em honra de Nun'Alvares Pereira.

Presidiu o illustrado presidente d'aquella collctividade, snr. Manuel de Freitas, secretariado pelos snrs. Arthur Fernandes de Freitas e Antonio de Faria Martins.

O snr. Manuel de Freitas, em breves palavras, expôz o fim d'aquella festa, qual era o de prestar homenagem a Nun'Alvares Pereira. E fez o elogio dos oradores, snrs. Padres José Maya

dos Santos e Domingos da Silva Gonçalves.

Usando da palavra os dois oradores enalteceram, em phrases eloquentes e patrioticas, as virtudes e a obra do Santo Condestavel, prestando-lhe uma homenagem calorosissima.

A assistencia, que era numerosa, applaudiu, com enthusiasmo, os illustres conferentes.

**Nossa Senhora da Conceição**

O dia 8 de dezembro, foi mais um dia em que Guimarães, pelo que conta de melhor em todas as camadas sociaes, mostrou as suas crenças e a sua fé.

Centenas de vimaranenses, accorreram aos templos, onde se festejou a Conceição Purissima da nossa Augusta Padroeira, manifestando-lhe o seu amor e prestando-lhe as homenagens do seu respeito e da sua vassallagem.

**ANNUNCIO**

**Arrematação**

(2.ª Publicação)

No dia 17 de dezembro proximo, pelas onze horas, ha de proceder-se no tribunal judicial d'esta comarca, sito na rua do Gravador Molarinho, d'esta cidade, á venda em hasta publica dos papeis de credito abaixo mencionados, em virtude de deliberação do conselho de familia no inventario orphanologico por obito de Joanna Mendes de Sá, casada que foi com o cabeça de casal José Joaquim Vaz da Motta, do lugar da Rocha, freguesia de São Martinho de Sande, d'esta comarca; a saber: três inscrições da divida interna fundada, do valor nominal de cem escudos, cada uma das quais será posta em praça pela quantia de 38\$50; e duas ditas, tambem da divida interna fundada, do valor nominal de quinhentos escudos, cada uma das quais será posta em praça pela quantia de 193\$50.

Guimarães, 28 de novembro de 1916.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

**Santos.**

O escrivão do 4.º officio,

Joaquim Penafort Lisboa.

**A EQUIHATIVA DE PORTUGAL E ULTRAMAR**

Sociedade de Seguros Mutuos sobre a Vida Seguros de Vida—Seguros Terrestres e Maritimos Seguros contra accidentes de trabalho

Reservas em 31 de Dezembro de 1914, Esc. 510.207\$30

Indemnizações pa as, Esc. 301.265\$34

**SEDE SOCIAL** LARGO DE CAMÕES, 11 LISBOA

NESTA CIDADE — O consoço Antonio Luiz da Silva Dantas, Rua de Payo Galvão, 70.

**VITALIA**

O Salgado com casa de modas, fazendas brancas, miudezas, chá preto e verde e vinhos finos da Ferreirinha é o unico depositario em Guimarães da VITALIA o melhor renovador do cabello infalível contra a caspa. Desconto aos revendedores.

RUA 31 DE JANEIRO

**RIO DE JANEIRO PROCURATORIO**

Ernesto Gomes de Castro, rua Visconde de Inhauma n.º 52, Rio de Janeiro, encarrega-se—com todo o zelo e mediante commissões modicas—de receber e fazer prompta remessa de rendas de casas, juros, dividendos e amortizações de quaesquer titulos, pagaveis naquella capital.

Tambem se encarrega de mandar fazer nos predios os concertos necessarios, fiscalizá-los, pagar impostos, etc.

Informações no Rio de Janeiro: com qualquer banco da praça ou com as importantes casas Gomes de Castro & C.ª e João Reynaldo, Coutinho & C.ª; e em Portugal: nesta cidade com o Snr. Francisco Joaquim de Freitas.

**Ultima novidade scientifica Qual é a fórma da Terra? POR Mariotte**

O livrinho "Qual é a fórma da Terra?", que constitue o primeiro volume da nova colleção *Sciencia Popular*, destina-se a expôr ao grande publico a historia do grande problema scientifico da fórma do nosso planeta, ainda hoje objecto de grandes discussões. Eis o sumario dos capitulos:

**I A imagem do mundo dos antigos**

Um problema cuja historia se perde na noite dos tempos.—A imagem da Terra entre os gregos.—A imagem da Terra durante a Eade-Media.

**II Theoria da esphericidade da Terra**

Observações que mostram a rotundidade da Terra.—As primeiras medidas das dimensões da Terra.—Colombo, Magalhães e o problema da forma e dimensões da Terra.—Princípio da medida d'um arco de meridiano.—O Padre Picard verdadeiro fundador da geodesia.

**III O achatamento terrestre**

O problema do achatamento po, ar posto pelas theorias de Newton e pelas observações de Richer.—Uma controversia celebre: cassinistas e newtonistas.—Valor do achatamento polar. Systema metrico.

**IV A fórma da Terra e as oscillações do pendulo**

O pendulo e as suas leis d'oscillação.—Effeito da força centrífuga.—As variações da intensidade da gravidade reconhecidas pelo pendulo.—Formula de Clairaut.—Anomalias da gravidade.—O geóide.

**V Theoria tetraedrica da fórma Terra**

Princípio do systema tetraedrico.—Consequencias geographicas da forma tetraedrica.—Torção do tetraedro terrestre. Depressão intercontinental.—A theoria tetraedrica e as anomalias da gravidade.—A theoria tetraedrica e a distribuição dos tremores de terra e dos vulcões na superficie terrestre.

Um volume de 100 paginas, illustrado com 19 gravuras, 200 réis

Editores—ALMEIDA, MIRANDA & SOUSA, LTD

**Echos de Guimarães**

PUBLICAÇÃO SEMANAL

PREÇO DA ASSIGNATURA (Pagamento adeantado)

Portugal, Ultramar e Hespanha	
Anno . . . . .	1\$300 rs.
Semestre . . . . .	650 "
Trimestre . . . . .	350 "
Estados U. do Brazil (anno) . . . . .	2\$000 "
Paizes da União Postal . . . . .	2\$500 "
Numero avulso . . . . .	30 "

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES (Pagamento adeantado)

Annuncios e comunicados, linha	40 rs.
Repetições, por linha . . . . .	20 "
Permanentes, contracto convencional.	
Reclamos, no corpo do jornal, até 5 linhas, cada um . . . . .	100 "
Annunciam-se as publicações que o mereçam, mediante um exemplar gratis.	
Annuncios, não judiciaes, para os srs. assignantes, 25 % de abatimento.	

P. LUIZ DIAS DA SILVA

**SERMÃO DA IMMACULADA CONCEIÇÃO**

prégado na igreja matriz de Fafe, em 8 de Dezembro de 1912; acaba de ser editado num elegante opúsculo, precedido da narração do

**interessante episódio que determinou a sua publicação.** PREÇO, 60 RS.

Pedidos à Typ. Minerva Vimaranesse R. Payo Galvão—Guimarães. Pelo correio 65 rs.

**Echos de Guimarães**

III Anno PUBLICAÇÃO SEMANAL Num. 34

Ex.º Snr.